Cavalheiro Raynouard

Camões

CAMÕES
ODE
DO CAVALHEIRO RAYNOUARD,

MEMBRO DO INSTITUTO REAL DE FRANÇA, ACADEMIA FRANCEZA, E ACADEMIA DAS INSCRIPÇÕES E BELLAS LETRAS: SECRETARIO PERPETUO DA ACADEMIA FRANCEZA, OFFICIAL DA LEGIÃO D'HONRA, CAVALHEIRO DA ORDEM REAL DE S. LUIZ etc. etc. etc.

TRADUZIDA EM VERSO PORTUGUEZ

POR

FRANCISCO MANOEL (FILINTO ELISIO)
VICENTE PEDRO NOLASCO
F. L.e VERDIER

CORRECTA E ANNOTADA,

DEDICADA

A SUA MAGESTADE

ELREI O SENHOR D. JOÃO VI.

NOSSO SENHOR

PELO

SEU HUMILDE E FIEL VASSALLO
HELEODORO JACINTO D'ARAUJO CARNEIRO.



LISBOA:
NA IMPRESSÃO REGIA. 1825.

Com Licença de Sua Magestade.

. . . . *Vos exemplaria Græca*
Nocturna versate manu versate diurna.
(Horat. Ar. Poet. v. 268.)

Os exemplares puros com nocturna
Diurna mão por vós sejam versados.
Filint. Elis. tom. I. pag. 53.

SENHOR

He no Feliz Reinado de VOSSA MAGESTADE que os Sabios da Europa tem porfiado em estudar a fundo a Lingoa Portugueza para melhor entrarem no Sublime do autor das Lusiadas, e melhor apreciarem os feitos mais que humanos, que tanto elevárão o estro do Primeiro Poeta, que a Europa tem visto.

O Cavalheiro Raynouard he bem conhecido no Mundo Literato, e por isso a Ode, que este Sabio fes, e dedicou a Luiz de Camões, deve ser assás lizonjeira, ainda que saudoza, aos Portuguezes, e não menos a VOSSA MAGESTADE, não só como Seu Pay, e Soberano Commum, mas mesmo como Descendente dos Grandes Reys, que creárão hum tal Genio, e lhe derão motivo ao seu Canto, e Estro. Camões Cantando as façanhas dos Portuguezes, Cantou, e eternizou o Nome, e a Memoria de quem os Governava e Dirigia; dos Ascendentes de VOSSA MAGESTADE: portanto os elogios a este homem extraordinario, como autor das Lusiadas, são communs aos Portuguezes, e aos seus Soberanos.

Se o Cavalheiro Raynouard lastima, e chora a ingratidam dos Portuguezes do Seculo XVI, ainda mal, que muito tem que chorar a ingratidão

dos seus compatriotas para com os seus melhores genios desse mesmo Seculo. A Conducta Generoza de VOSSA MAGESTADE para com os Sabios, bem tem feito vér a differença dos tempos, e dos Governos. Assim como as honras funebres, e scientificas, que os Portuguezes tem rendido ao seu compatriota, tem feito igualmente vér o quanto elles lastimão a sorte, e tratamento, que teve Camões.

Persuadido eu pois dos Altos Sentimentos de Generozidade, e Justiça, que adornão a Alma de VOSSA MAGESTADE, e do quanto Sentirá o não possuir no Seu Reinado hum Camões para o encher de honras, e beneficios, he que me animo a offerecer a VOSSA MAGESTADE as tres versões, que se fizerão em Pariz d'esta Ode, por differentes Portuguezes, as quaes juntas ao Original, e a algumas annotações, tem a honra de dedicar a VOSSA MAGESTADE

O Fiel Vassallo

Heleodoro Jacinto d'Araujo Carneiro.

PROLOGO.

Na correspondencia do tomo V. dos Annaes das Sciencias, das Artes, e das Letras, lê-se o seguinte:

„O original manuscripto da seguinte Ode, „cuja publicação já promettêmos no tomo II. „dos Annaes, nos foi confiado por particular „obsequio do seu autor, M. Raynouard, Se„cretario perpetuo da Academia Franceza, dis„tincto não só pelas suas excellentes composi„ções, mas pela vasta e profunda erudição, que „abrangendo as linguas mortas, e todas as deri„vadas do Latim, tambem abraça o conheci„mento cabal da Portugueza. O valor que tem „o elogio do nosso grande e infeliz Poeta na „bocca de hum estrangeiro tão bom apreciador „do seu merecimento, nos determinou a não „perder hum instante em commetter a versão „desta Ode ao Sñr. Francisco Manoel, a quem „com esse intuito a communicámos, e o qual „dentro de dois dias terminou a traducção, de „cujo merecimento ajuizará o Leitor. Veja-se a „nota no fim desta Ode.

„Esta versão he muito mais preciosa por „ter sido a ultima composição poetica de algu„ma importancia que sahio da penna de Filinto, „o qual na idade de 85 annos, e já attacado da „molestia de que pouco depois morreo, a exe„cutou em tão breve tempo, e escreveo em ex„cellente letra, de que conservamos o auto-

„ grapho; o que não he inutil dizer-se, porque „ na vida dos homens de raro merecimento ne- „ nhuma circumstancia deve ser indifferente.

„ A morte que nos roubou este insigne Va- „ te, não lhe permittio ter conhecimento das „ mudanças que M. Raynouard fez depois na „ sua Ode, e que seria da nossa parte hum at- „ tentado pertender emendar na traducção; na „ qual supprimimos sómente huma strophe, que „ M. Raynouard supprimio ultimamente no ori- „ ginal. „

Com tudo, esta versam de Filinto desagradou ao Dr. Vicente Pedro Nolasco; o qual, para provar a alguns seus amigos, e aos Portuguezes em geral, que a Ode de M. Raynouard podia tirar-se em linguage com mór fidelidade, elegancia, e poesia, enviou, pouco depois, uma traducçam á sua guisa, aos Redactores dos Annaes, que a enxeriram n'um volume de sua *Grande Tarefa Literaria.* Julgou o estimavel Doutor, que Ode sem consoantes, nam era boa Ode; e por isso screveu a sua em versos oitonarios rimados. Aqui a estampei sem a menor discrepancia de orthographia, e pontuaçam. O Leitor a avaliará como bem entender. Na de Filinto, nam me cingi á orthographia com que foi impressa nos Annaes, por não ser a de Filinto, mas sim a que os ditos Redactores adoptaram. Nam estranhe pois o Leitor, restituir eu a Filinto o que de jus lhe pertence. Quanto á translaçam do Sñr. Verdier, a intima amisade, que, muito ha, o liga a M. Raynouard, e nam, como presumo, o desvanecimento de querer lutar com o Luso Horacio, o moveu, talvez, a novamente traduzir esta celebre Ode,

que tanto tem contribuido, na epoca actual, ao respeito, e admiraçam, que os Francezes tributam ao immortal Camões; ja (para o lerem). dando-se ao studo da lingua portugueza; ja traduzindo-o em sua propria, como assás o comprovam duas modernas versões dos Lusiadas. Annexou o Sñr. Verdier á sua translaçam algumas observações em francez, (1) que traduzi, polas julgar de summa utilidade aos mancebos Portuguezes, que seriamente se applicam ao studo do patrio idioma. He para os ditos mancebos, e nam para pessoas ja maduras em conhecimentos literarios, que eu fiz as curtas notas, lançadas no fim de cada Ode. N'essas notas, mais poeticas, que grammaticaes, verá o Leitor, que se Filinto, em seus modos de dizer, sahe algumas vezes do uso corrente, força lhe foi obrar assi n'um poema, que requere ousadia nas images, calor no sentimento, energia nas paixões, e uma dicçam nam vulgar: todavia, as taes maneiras de dizer, nam devem reputar-se tam estranhas, ou arrojadas, que nam achem exemplo em nossos Scritores de bom seculo: Scritores, que, segundo o preceito de Horacio, eram folheados noite, e dia per Filinto. Tambem mostrarei, em as notas susoditas, que nam he tam facil, como parece, assacar falhas de stilo a um grande Homem; salvo se o aristarcho for mui versado na liçam de selectos Autores, assi nacionaes, como estrangeiros. Nam infira o Leitor que eu pertenda inculcar-lhe a versam de Filinto illesa de defeitos;

---

(1) Vam marcadas com asterisco, para se differençarem das minhas.

isso fora em mi um absurdo: eu so desejo provar, que este eximio Vate, bem que ja na decadencia do estro quando emprendeu esse trabalho, inda per todo elle semeou alguns rasgos, que o caracterisam. Mas Filinto nam carece de apologia: seus talentos em varios ramos poeticos, mórmente no lyrico, o poem ao lado dos mais egregios Vates Lusitanos.

CAMOENS.

ODE.



I.

Habitans des rives du Tage,
Dirigez mes pas incertains :
J'apporte mon pieux hommage
Au Chantre heureux des Lusitains ;
Montrez-moi l'auguste retraite
Où repose ce grand Poëte
Comblé d'honneurs et de bienfaits.
Que vois-je ? votre indifférence
Dans le bésoin, dans la souffrance
Laisse l'Homère Portugais !

II.

Barbares ! l'affreuse indigence,
Les noirs chagrins et la douleur
Auraient épuisé sa constance,
S'il ne dominait le malheur.
Dans ce délaissement funeste,
Un ami toutefois lui reste,
Mais ce n'est pas un Lusitain ;
Chaque soir sa main charitable
Quête le pain que sur leur table
Ils partagent le lendemain.

CAMÕES.

ODE. (1)

I.

Vós, que as praias trilhais do Tejo aurifero, [1]
Regei meu passo incerto,
No tributar meu pio rendimento
Ao Luso feliz Vate.
Mostrai-me o augusto sitio, em que repousa
Quem troou facção inclita: [2]
Veja eu as honras, veja os grandes premios... [3]
Que ingrata indifferença!
Dais á penuria, dais ao soffrimento [4]
O Portuguez Homero?

II.

A não pôr elle os pés sobre o infortunio, [5]
Pobreza houvera-lhe horrida
Apurado a constancia; houvera-o, barbaros! [6]
Atro cuidado, e penas.
No amargo desamparo, que lhe fica?
Só caridosa dextra,
(Caridosa e não Lusa!) que nocturna,
Esmola (2) o pão mesquinho [7]
Que tem de appascentar, no sol vindouro, [8]
O Escravo leal e o Amo.

(1) Versam de Filinto. (2) Temos o verbo *esmolar* na significação de pedir esmola.

III.

Antonio ! ton digne maître
T'aurait célébré dans ses chants, . . .
Les miens t'assurerent peut-être
Des souvenirs non meins touchants.
Apprends, Serviteur magnanime,
Qu'un dévoument aussi sublime,
D'âge en âge, sera cité ;
Oui, de mes chants écho fidèle,
L'avenir dira que ton zèle
Ennoblit la mendicité.

IV

Cependant ce zèle pudïque,
Durant la nuit, à demi-voix,
Demande à la pitié publique
D'acquitter la dette des rois.
Pourquoi te cacher ? Bélisaire,
Etalant sa noble misère,
Ne croyait pas s'humilier,
Lorsque ce casque où la victoire
Ceignit les palmes de la gloire,
E'tait réduit à mendier.

V.

Ose te montrer dans Lisbonne,
Mendie à la clarté du jour,
Impose une pieuse aumône
Et sur le peuple et sur la cour ;
Qu'avec toi l'illustre poëme,
Plus hardi que l'auteur lui-même,
Implore ses Concitoyens :
Et les cœurs les plus insensibles
Frémiront à ces mots terribles :
„ *Faites l'aumone à Camoens.* „

III.

Se o caro nome teu não poude o Vate
Illustrar no seu metro,
No meu te hei pôr segura, alta lembrança
De grão renome, Antonio.
Sabe, que esse sublime sacrificio
Tem de achar, nos meus hymnos,
Echo fiel, oh! Servidor magnanimo,
Nos devolvendos seculos, [9]
Pregoando, que ennobrece esse teu zelo
Da mendiguez o opprobrio.

IV.

Pudico zelo, que com voz submissa [10]
Pede á piedade publica,
Com nocturno recato, o que, alto dia
Cumpria aos Reis pagarem.
Oh! não te encubras.—Olha a Belisario,
No marcio capacete
A esmola receber, nobre penuria
Sem pejo assoalhando:
Louros, palmas colhera em cem victorias;
Ei-lo cego e mendigo.

V.

Oh! pisa ufano a triunfal Lisboa
De Phebo ao claro lume; [11]
Impõe tributo ao Povo, impõe-no á Côrte,
Tão raro Ingenho o cobre. (1)
Co'Poema nobre em mãos, mais atrevido [12]
Que o Vate mesmo, os peitos
Dos Cidadãos abala: vê quão briosos [13]
Se pejam, se envergonham
Da voz terrivel que pediu na tréva,
Para Camões esmola.

(1) Arrecade.

VI.

Mais non ; digne rival d'Homère,
De son indigence héritier,
Il sait souffrir, il sait se taire,
Il veut le malheur tout entier.
Leur pitié serait un outrage.
Que la gloire le dédommage
Et de sa vie et de sa mort :
Fort de courage et d'espérance,
Il se résigne à la souffrance
Sans orgueil comme sans effort.

VII.

J'écoute, il s'explique lui-même :
„ Dans les succés de mes héros,
„ N'ai-je pas offert un emblême
„ Du génie et de ses travaux ?
„ Pour conquérir aux eaux du Tage
„ Les tributs d'un lointain rivage,
„ Suffisait-il de la valeur ?
„ Non, non, il leur fallait encore
„ Cette constance qui s'honore
„ De lutter contre le malheur.

VIII.

„ Le géant du cap des tempêtes
„ Soudain se dresse devant eux,
„ Déploie au dessus de leurs têtes
„ Son corps immense, monstrueux.
„ D'une main il touche aux nuages
„ D'où la foudre et tous les orages
„ Seront à l'instant détachés ;
„ De l'autre il refoule les ondes,
„ Ouvrant les cavités profondes
„ Où les abîmes sont cachés.

VI.

Oh não! Que elle rival de Homero, e herdeiro[14]
De seu mendigo Fado,
Calar sabe soffrido, e sorve inteira [15]
A taça das desditas.
Serôdio premio, a illustre offensa o houvera, [16]
Que perdões escassêa.
Deixai-lhe o pundonor brioso, e irado
Consolar-se em si mesmo
No conceito que á Patria sagrou tudo,
Tudo sagrou a ingratos.

VII.

Escutai, escutai. Camões vos falla:
„ Digno emblêma a mim proprio
„ Não dei, dos meus Heróes nos altos feitos,
„ Consolador emblêma?
„ Par'avidos colher d'Eóo tributos, [17]
„ Que a fóz do Tejo acceita,
„ Bastára a valentia? Não. Faltava
„ Constancia, que blasona
„ Lutar arca por arca, c'o infortunio, [18]
„ E lutando aterra-lo.

VIII.

„ O Gigante do Cabo Tormentorio [19]
„ Entona a fronte ao vê-los, (1)
„ Médra em vulto, devolve sobranceiro
„ Monstruoso o corpo lívido;
„ Co'a dextra as nuvens préme d'onde rompam
„ Seguidas tempestades,
„ Estalem os trovões, raios fuzilem;
„ Recalca com a esquerda
„ Cavadas ondas, que lhe, á vista, rasguem
„ Do abismo as profundezas.

(1) O Gama, e os Heróes, que o acompanhavam.

IX.

» Fuyez, leur dit-il avec rage,
» O téméraires étrangers !
» C'est moi qui fermai ce passage ;
» Ici j'amasse les dangers.
» Mais eux au haut du promontoire
» Ont bientôt reconnu la gloire
» Qui les promet à l'univers ;
» Soudain ces guerriers magnanimes,
» Bravant la foudre et les abîmes,
» Ravissent le sceptre des mers,

X.

» Qui n'applaudit en cette image
» L'homme dont l'intrépidité
» Force le pénible passage
» Qui mène à la postérité ?
» Si jusqu'aux palmes immortelles
» Il tente des routes nouvelles,
» Son siècle voudra l'en punir ;
» Mais quand l'ignorance et l'envie
» Persécutent sa noble vie,
» Il se jette dans l'avenir.

IX.

» E diz raivoso:—Oh Nautas temerarios,
—Virai de vélas subito; [20]
—Que eu sou quem puz travézes neste passo,
—Puz-lhe os roncos dos p'rigos (1).— [21]
» Mas Gama, e seus Heróes ja lá avistaram,
» Raiar no cimo (2) a gloria,
» Que tem de alardea-los no Universo.
» Magnanimos Guerreiros
» Affrontam raios, e transpondo abismos,
» O azul tridente roubam.

X.

» Quem não applaude, n'este quadro, o intrepido
» Que denodado rompe
» O travéz, que lhe embarga o passo franco
» Ao póstero renome?
» Se novas sendas tenta a colhêr fouto
» Immortaes palmas, logo
» Traça a Ignorancia, a Inveja castigar-lhe
» A proficua ousadia.
» Avexam-no?—Elle nobre se abalança
» Ao gremio do Futuro.

(1) O mar empolado com a tormenta, que com os roncos assusta, e ameaça perigos. Tem seu atrevimento a frase: mas vou-me com Plinio Junior, *epist.* 9. Mais amiudado (diz elle) cahe quem corre, que quem de gatinhas vai: tal qual gabo porém se dá aos que cahiram, nenhum aos que não cahem.

(2) Do Promontorio.

(3) Nobremente.

XI.

„ Et n'attendez pas qu'il se plaigne
„ Ni des hommes ni du destin ;
„ Qu'on l'oublie ou qu'on le dédaigne,
„ Son espoir n'est pas incertain.
„ Souvent l'envie inexorable
„ S'applaudit d'un essai coupable,
„ Elle croit l'avoir insulté ;
„ Et lui, sans regret ni murmure
„ Expiant la gloire future
„ Rêve son immortalité.

XII.

„ Et que nous font les vains hommages
„ D'un peuple follement épris,
„ Qui tour à tour à nos images
„ Porte le culte ou le mépris !
„ E'coutons l'instinct magnanime
„ Qui nous prédit la longue estime
„ Des temps et des lieux ignorés ;
„ Que le vulgaire nous condamne, [25]
„ Autour de nous tout est profane,
„ Nous n'en sommes que plus sacrés. „

XI.

» Não spereis, que elle frouxo se lastime
» Nem de homens, nem dos Fados.
» N'elle desdem não punge, nem despreso
» Vosso: lançou elle a anchora [22]
» De esperança. Se Inveja inexoravel,
» De que o insultou se ufana,
» Elle contempla que a expiar o lançam [23]
» Culpas de Heróe virtuoso;
» Fita a gloria immortal, que o aguarda,—e olvida
» Murmurar contra a Inveja.

XII.

» Que nos vale esse obsequio vão, do Povo
» Tonto na affeição sua?
» Que, a revézes dá cultos, dá despresos, [24]
» A' imagem nossa? Ouçâmos
» O que instincto magnanimo nos clama,
» Quão longa e nobre estima
» Em Era, em Clima ignotos, nos espera.
» Condemnam-nos? Desdenham-nos?
» Profano he tudo aqui?—Mais nossos nomes
» Serão, por lá, sagrados. »

XIII.

Il a dit. Mon respect contemple
Ce vainqueur de l'adversité
A' l'univers donnant l'exemple
De souffrir avec dignité.
Imitez cet exemple auguste,
Talens, qu'outrage un sort injuste,
Ou l'ignorance des mortels;
Soutenez cette noble lutte:
Si, vivants, on vous persécute,
Morts, on vous dresse des autels.

FIN.

XIII.

Poz fim Camões. Contemplo com respeito
O Heróe de adversos Fados,
Que exemplo de soffrer com dignidade
Em si brioso o ostenta.
Vós, Talentos, que ultraja a sorte injusta,
Ou de Homens a ignorancia,
Mirai-vos n'esse brio, e firmes sêde [26]
Na luta nobre :—Vivos,
Se perseguidos sois; na Era vindoura,
Mortos, vos erguem aras.

Esta Ode, que o meu Amigo Constancio me pediu que mui breve lh'a traduzisse, dous dias n'ella trabalhei d'affogadilho. Ei-la ahi tal e que janda. Lembra-me, que dizia minha Mãe, que Obras feitas á pressa sempre sahem atrapalhadas. Se a não acharem tão cabal como (a ser mais ajudada) sahir podera, confesso que são da minha opinião. Tal que, se me subido houvesse, em tão avelhentada estação (o quc não he para crer) maré alguma de ambição de gloria, em que eu, achando-me com vida alegre, com saude, com dinheiro, com boa vontade, e com pachorrento vagar, mettesse o pouco cabedal de ingenho em a guisar mais comesinha. . . . Então. . . . fôra ella outro cantar.

Valha a pura verdade. Não só esta versão, mas todos os versos meus mereciam amanho tal: mas tambem he verdade pura, que se os Senhores Criticos tomassem tão curta lida para os censurar, quão curta a eu tomei para os compôr, em bom couto de pungentes unhadas estariam os meus deslavados versinhos. Que bem inteirados estão quantos me conhecem, que se versos me custassem a compôr, nunca eu versos comporia.

Filinto Elysio.

VARIANTES DA STROPHE VII.

Ecoutons; il parle, il s'écrie:
» Portugais ingrats ou jaloux!
» Lorsque j'illustrais ma patrie,
» Je n'ai rien espéré de vous.
» Je souffre, mais j'ai l'assurance
» Qu'un jour de votre indifférence
» Vos enfans sauront s'indigner:
» Je souffre, mais avec courage;
» Ma gloire est de braver l'outrage,
» Ma vertu de le pardonner.

» Et n'ai-je pas offert moi-même,
» Dans les succès de mes héros,
» Le consolant et digne emblème
» Du génie et de ses travaux?
» Pour conquérir aux eaux du Tage
» Les tributs d'un lointain rivage,
» Suffisait-il de la valeur?
» Non, non; il leur fallait encore
» Cette constance qui s'honore
» De lutter contre le malheur.

Estas duas strophes foram traduzidas pelo Dr. Nolasco, e pelo Sñr. Verdier.

Notas.

[1] *Vós, que as praias trilhais do Tejo aurifero:* Bello verso! e mais poetico que o do original: o epitheto *aurifero* he propriissimo: usou d'elle Vasco Mouzinho de Quevedo, no poema Afonso Africano, cant. 3. pag. 63:

> *Auriferas* areas, e agoas puras,
> Co'as salgadas do mar, longe misturas.

[2] *Quem troou facção inclita:* Este verso corresponde a *grand poëte*, no texto. As pessoas assisadas, e de apurado gosto podem decidir, se, no dito verso, caracterisou Filinto, como devia, o immortal Autor dos Lusiadas.

[3] *Veja eu as honras, veja os grandes premios...* Aqui exprimiu o traductor a idéa original, de um modo nobre, e energico.

[4] *Dais á penuria;* isto he, *entregais á.* Assi fallou Diogo Bernardes, no seu Lima, eclog. 2.ª:

> Eu me darei á pena d'essa culpa.

[5] *A não pôr elle os pés sobre o infortunio:* Com esta expressam figurada, verteu Filinto optimamente o pensamento original, *s'il ne dominait le malheur:* A traducçam do Sñr. Verdier: *Se elle nom dominara a desventura,* he mais genuina; mas nam he tam poetica.

[6] *Apurado a constancia:* Frase mui classica. (V. o Diccion. de Moraes.)

[7] *Esmola o pão mesquinho:* Nam me foi possivel achar nos livros classicos, que revolvi, este verbo *esmolar* (como diz Filinto em sua nota) na significaçam de *pedir esmola.* O dito verbo he definido per Moraes: *dar esmolas;* e cita boas authoridades.

[8] *Que tem de appascentar no sol vindouro:* Verso digno de Filinto, pelo atrevimento poetico, de que usou. Os epithetos *mesquinho, leal,* que elle addiu aos substantivos *pam, scravo,* além de significativos, dam graça, e ornamento ao discurso.

[9] *Devolvendos seculos:* Nova elegancia mui propria da linguage poetica: equivale ao *l'avenir* do texto.

[10] A estancia IV. he traduzida com o tom de dignidade, e nobreza, que lhe convem. Ella retrata exactamente o seu prototypo.

[11] *De Phebo ao claro lume:* Frase, a meu sentir, mais conveniente ao stilo lyrico, que o *la clarté du jour.* Foi usada per bons Autores de nosso seculo de ouro:

A Aurora dava *lume* ao novo mundo.
(João Franc. Barr. Eneid. L. 4. est. 133.)

Em quanto o sol seu *lume* ao mundo invia.
(Fern. Alv. Lusit. Transf. pag. 61.)

[12] Co' Poema nobre *em* mãos: *Em,* por *no, nos, nas,* acha-se em Classicos:

Queimaram-se duas náos muito grandes, que estavam *em* estaleiro.
(Comment. d'Albuq. tom. 1. pag. 118.)

13 . . . . *vê quão briosos*
Se pejam, se envergonham
Da voz terrivel que pediu, na tréva,
Para Camões esmola.

Os verbos *pejam*, *envergonham*, nam exprimem a força do *fremiront.* O Sñr. Verdier, parece-me, fallou com mais propriedade, dizendo:

Estremecer verás seos férreos peitos
Como as terribeis vozes tu profiras:
Uma esmola a Camões.

14 *Oh não!* Francisco Manoel, sohia empregar a miude esta interjeiçam; porque, fôra (segundo elle me disse) mui privativa de nossos Classicos:

O' quantos sob semelhança de charidade, sam enganados, e enguanam!
(D. Cather. Perf. da Vid. Monast.)
O' coraçam bem mais largo que as praias do Oceano!
(Lucen. V. de S.t Fran. X.er tom. 3. pag. 65.)

15 . . . . *e sorve inteira*
A taça das desditas.

Eis huma d'essas versões, em que o traductor traça a idéa original com mais sublimidade, e energia: versões raras; e que so as fazem os grandes Genios!!!

No tom. 2.° pag. 277 das Comedias de Terencio, convertidas em portuguez, per Leonel da Costa, achei um exemplo quasi similhante da metaphora inclusa nos versos acima:

E os vasos *sorvendo* pouco a pouco,
Irei passando este alegre dia.

16 *Seródeo premio*, isto he, *tardio.* Os ulti-

mos seis versos d'esta strophe, chegam-se mais á letra, na traducçam do Sñr. Verdier.

[17] *Par'avidos colhér d'Eóo tributos: Par'avidos*, contracçam forçada, e dissona; mas contracçam, que nam he de Filinto; he dos Redactores dos Annaes, que ousaram introduzir este pessimo verso na Ode do mesmo Poeta, quando d'ella cortaram uma strophe; a qual strophe, como fica dito no prologo, tambem foi supprimida per M. Raynouard. Eis o a que stam sujeitas as Obras dos bons Vates, quando passam per mãos de pessoas tam hospedes em poesia, como eram os taes Redactores!!!

[18] *Lutar arca por arca, c'o infortunio:* Frase classica, que mui a proposito empregou Filinto, para exprimir o *luter contre le malheur*. Ella faz image; que se torna affirmativa na seguinte adjecçam: *E lutando aterra-lo.*

Dou-lhe duas authoridades para lhe affiançar o uso:

> Andam os homens *arca* por *arca*, cõ a morte.
> (Fr. Heit. Pint. Imag. da Vid. Chr. p. 234.)
> Viemos *arca* por *arca*, que queres mais que te diga,
> em fim, venceo-me.
> (Sá de Miranda, tom. 2. pag. 196.)

[19] *O Gigante do Cabo Tormentorio:* Assi esta, como a seguinte estancia, levam muita vantaje ás do texto. Que força, que sublimidade, que colorido! Nam tem um so termo, uma so frase, que nam retrate ao vivo, esse nunca assás louvado episodio do divino Camões!!!

[20] *Virai de vélas subito:* O adverbio *subito*, imprime maravilhosamente, n'este verso, a ve-

locidade, com que o Adamastor desejava que os Lusos nautas se affastassem do Promontorio.

[21] *Puz-lhe os roncos dos p'rigos:* Confesso, com Filinto, que tem seu atrevimento a frase; mas d'estes atrevimentos stam cheias as Odes dos melhores Lyricos. Nossos bons Poetas ja se tinham servido da palavra *roncos*, quasi com igual arrojo; bem que nam fosse em Ode:

Quando as aves maritimas medrosas
Voando fogem ao *ronco* tormentoso.
(Luiz. Per. Elegiad. pag. 29.)
Os escolhos batidos, *roncos* deram.
(João Franc. Barr. Eneid. L. 5. est. 48.)
De Noto os *roncos*
Escutaremos.
(Ant. Din. Poes. tom. 3. pag. 149.)

[22] *. . . . . lançou elle a ancora*
De esperança.

He elegancia mais poetica, que *son espoir n'est pas incertain.* Filinto, quando cumpre, usa de metaphoras, para exprimir o sentido original; e nam sem causa; por quanto a poesia franceza, menos audaz que a nossa, no que toca a stilo, pouco differe da prosa. E quam dessaborida ficára a versam, que streitamente se ligasse a seus tropos, e figuras; sobre tudo em assumptos Lyricos, que pedem grande arrojo de frase, e pensamentos? Os que amam versões literaes, podem ler o dito verso, assi trasladado pelo Sñr. Verdier:

. . . . sua 'sperança
Vãa nom he.

23 *Et lui, sans regret ni murmure*
Expiant la gloire future,
Rêve son immortalité.

Versos, que foram traduzidos como se aqui vê:

Elle contempla que a expiar o lançam
Culpas de Heróe virtuoso;
Fita a gloria immortal, que o aguarda, e olvida
Murmurar contra a Inveja.

Porém acho algum tanto redundante este circunloquio de palavras: o Sñr. Verdier apertou mais a significaçam da idéa original, dizendo:

Elle entom, sem pezar e sem doestos,
Sua gloria futura lédo expiando,
Immortal se vislumbra.

24 *Que, a revezes:* Bella translaçam do *tour à tour!* Esta formula d'expressar foi mui costumada de nossos Classicos. Citarei dous exemplos:

E só duas mulheres cantavam *a revezes.*
(Fern. Mend. Pint. Perigr. pag. 241.)

Havia em Chaul dous irmãos Mouros da terra, homens honrados, que *a revezes* governavam a cidade.
(Barr. Dec. 3. L. 6. cap. 8. pag. 73.)

25 ....*le vulgaire:* Este substantivo nam foi vertido por Filinto, nem pelo Sñr. Verdier: talvez o julgassem desnecessario.

26 *Mirai-vos n'esse brio:* Fraca traducçam de *imitez cet exemple auguste:* o epitheto *auguste*, tem muita dignidade, e dá honra a Camões. Tambem me nam apraz o *Liçom tomai tam di-*

gna, do Sñr. Verdier: fòra, talvez, melhor: *Tomai-lhe o exemplo augusto:* e nam haja duvida em unir o *lhe* ao verbo *tomai;* pois *lhe*, segundo Moraes, he variaçam *de elle;* e o verbo *tomar* significa igualmente *receber*, *imitar*, *adaptar*, etc.; logo reduzido este verso á sua ordem grammatical, quer dizer: *Tomai d'elle o exemplo augusto.* (V. no Dicc. de Moraes a definiçam da palavra *exemplo.)*

Eis os lugares, que me pareceram mais dignos de reparo, na translaçam de Filinto: outros podera eu mencionar, se mo permittira a brevidade d'estas notas. D'ellas colligirá, todavia, o studioso Leitor, a vasta liçam, que de nossos Classicos tinha Filinto; pois raro he o termo, ou frase, de que use, que ja nam achem exemplo nos ditos Classicos; dos quaes, (conforme elle dizia) sempre anhelou beber o stilo. E porque alguns zoilos d'este grande Vate, divulgam, que sua dicçam mais he latina, que portugueza; releva que eu aqui declare ao Leitor, que os taes zoilos, sam, pola maior parte, pessoas nam versadas em nossos livros classicos (livros, que avaliam em pouco); e que, limitando-se simplesmente á liçam de producções estrangeiras, em special francezas, erriçaram seus enfadonhos, e monotonos scritos, de muitas frases spurias (1), e termos barbaros, ou con-

---

(1) Notem-se as seguintes:
Marcha do espirito humano. (Annaes t. 2. pag. 162.)
Olho da Historia. (Id. t. 3. pag. 100.)
Nutrir prejuizos. (Id. t. 3. pag. 104.)
Crepusculo sombrio. (Id. t. 4. pag. 141.)

trarios ao genio de nosso idioma; idioma assás rico para engeitar essas perneciosas innovações. Ja nam fallo nos continuos gallicismos, com que os sobreditos senhores nos tem brindado; pois indaque tolerados per pessoas nam avaliadoras de pureza de linguage, ou de regularidade de idioma; sam mofa, e riso dos sabios; a cuja estima, (como assisadamente advertiu Filinto), devem os Scritores tender o fito. Porém o que talvez surprenda o Leitor, he, que os mesmos zoilos, sem studado haverem sua propria lingua, e, (o que mais he), sem possuirem um so livro portuguez, (como eu presenciei), se alçaram Juizes de Obras Literarias, fazendo-lhes analyses, e promulgando decisões acerca de sua boa ou má concepçam, de sua orthographia, linguage, etc. He onde póde chegar a philaucia humana!!!

Francisco Manoel, na versam d'esta Ode, teve por alvo communicar á dita versam todo o fogo, sublimidade poetica, e copia de dizer, que requeria assumpto tam nobre, e honroso para a Naçam Portugueza, qual o de louvar o maior Genio, que a illustra. Ora a indole mui diversa de ambas linguas, nam comporta uma servil sujeiçam ás palavras, e locuções originaes. As leis da boa traducçam, prohibem esta mal entendida fidelidade, que quasi sempre torna a copia mui inferior ao modelo: todavia a liberdade de encolher, ou ampliar os pensamentos d'um Au-

---

Tribunal da opinião publica. (Id. t. 4. pag. 158.)
Punhado de homens. (Id. t. 10. pag. 19.)
Raio destacado. (Id. t. 10. pag. 27.)

tor, tem seus limites; e, comtantoque o traductor lhe nam altere o sentido, nam omitta certos termos, e frases de circunstancia, ou que produzem image; os homens de criterio; os que stam ao facto dos preceitos concernentes a uma versam em metro; facilmente relevam algumas tenues ampliações, ou restricções, quiçá necessarias á medida dos versos, e á percepçam mais, ou menos luminosa do Translactor. Eis o que se acha em Filinto: quando elle poude exprimir a idéa de M. Raynouard com mór força, gravidade, e poesia, lançou mam d'essa indispensavel prerogativa. Se porém o Leitor achar que algumas vezes o enganou sua nimia confiança, ou que as inversões em alguns seus versos, sejam duras, e, talvez, um pouco alheias do uso corrente; bem digno he de escusa um Poeta, que entam dobrava 85 annos, e que nem se quer pôde dar a este scrito a ultima lima: no em tanto, as muitas perfeições, que n'elle brilham, assás equilibram algumas leves manchas, que o deslustrem.

CAMÕES.

ODE. (1)



I.

Filhos do Tejo, guiai [1]
Meus vagos passos aonde,
O vosso Vate se esconde, [2]
Seu sepulchro me amostrai. [3]
O sacro lugar deixai [4]
Que eu visite; honrá-lo quero.
Unir-me a seu culto espero.
Mas que vejo? A vossa incuria [6]
No abandono, e na penuria [6]
Deixa o Lusitano Homero?

II.

Ah barbaros! fome, e dôr [7]
Lhe darião morte dura;
Se inda mais que desventura
Lhe não sobrasse valor.
Mas da sorte no rigor [8]
Terno amigo inda lhe resta,
Não Luso; e que mais lhe presta, [9]
Que pedindo á noite esmola [10]
C'o mendigo pão consola
O Heroe que a nudez molesta.

(1) Versam do Dr. Nolasco.

III.

Sem cantar-te, o teu senhor, [11]
Caro Antonio, cedo expira;
Mas teu nome a minha Lyra [12]
Não deixará sem louvor.
Sim, digno servo, o esplendor [13]
De tua heroica amizade
Brilhará por toda a idade!
E o futuro, que eu modelo, [14]
Dirá, que o teu fiel zelo
Fez nobre a mendicidade.

IV.

Esse zelo em fim sem par [15]
Da noute na escuridade [16]
Pede á publica piedade
O que os Reis devem pagar. [17]
E porque te has-de occultar?
Belisario mendigando [18]
Vai sua miseria ostentando;
Nem tem pejo de pedir,
Ou no elmo triumphal d'ouvir
A parca esmola soando.

V.

De dia affouto mendiga, [19]
E com severo pregão
A pia condemnação
Lisboa indolente obriga.
Leva o poema, que diga [20]
Do mudo Vate afflições;
E os mais duros corações
Hão de com dôr palpitar,
Quando te ouvirem clamar
Esmola para Camões.

VI.

Mas não. De Homero o rival [21]
Da sua pobreza o herdeiro,
Soffre mudo, e o peso inteiro
Quer só sentir do seu mal.
Fora-lhe injuria fatal,
E imperdoavel offensa
Uma tarda recompensa.
E revolta a sua gloria [22]
Folga mesmo em sua historia,
Quando na de ingratos pensa.

VII.

Lysia ingrata, (assim dizia [23]
O Vate affrontando a dôr)
Nunca esperei de ti favor,
Quando eu de glorias te enchia..
Soffro, cedo á sorte impia.
Mas da tua ingratidão
Teos netos horror terão.
Soffro sim, mas com firmeza.
A gloria injurias despreza
Virtude lhes dá perdão.

VIII.

E de meus heroes na historia
Não vos dei o grato emblema
Do engenho, e da força extrema
Que exerce fitando a gloria?
Cuidaes que ao Tejo a victoria,
E extranha preciosidade
Só valor trazer-vos ha-de?
Não, não basta só valor.
Quer-se virtude maior
Em luctar co' adversidade.

IX.

Eis gigante bramidor [24]
Das tempestades assoma;
Torva a frente, hirsuta a coma,
Mostra o vulto assombrador.
Raios, negrume, estridor,
Que fazem tremer o mundo,
Solta da dextra iracundo;
E co'a esquerda o mar fendendo
Do abismo, que volve horrendo
Põe patente o mais profundo.

X.

Volta o passo, oh gente ousada
(Diz raivando) aqui sou rei;
Esta paragem fixei,
Perda, e risco a tem guardada.
Mas co'a fama já ganhada,
Com que no mundo campêão;
O Promontorio rodeão
Os varões da gente forte;
E medos calcando, e a morte
Dos mares se assenhorêão.

XI.

Quem não vê nesta pintura [25]
O varão assignalado
Que o passo ateli vedado
Franquea á gloria futura?
Se novos tropheos procura,
Bem que da sorte a esquivança
O persiga, elle não cança.
Mas se em sua vida clara
He preza da inveja ignara
No futuro então se lança.

XII.

Nem queixas se lhe ouvirão
Contra o mundo, e contra o fado;
Esquecido, ou desprezado
Elle espera, e nunca em vão.
Faça-lhe embora oppressão
Da inveja a malignidade;
Ella vencer se persuade.
Mas elle mudo e contente [26]
A gloria expiando, sente
Erguer-se á immortalidade.

XIII.

E que nos faz o louvor
De um povo cego em paixões,
Que mostra a nossos padrões
Hontem culto, hoje rancor?
O instinto quanto he melhor, [27]
Que ao merito já provado
Futuro agoira exaltado!
Não lhe faz a injuria damno.
Se quanto o cerca he profano,
Tanto mais elle he sagrado.

XIV.

Disse, e eu d'adversidade
Com respeito o heroe contemplo,
Que nos deo o util exemplo
De soffrer com dignidade.
D'este exemplo a heroicidade
Segui, talentos, que a sorte
Persegue, ou da inveja o corte. [28]
Sustentai a nobre lida;
Tormentos vos dão na vida,
Mas aras depois da morte.

Notas.

[1] *Filhos do Tejo, guiai,* etc. *Filhos do Tejo,* he como se chamaramos aos Parizinos, *filhos do Sena,* ou aos Romanos, *filhos do Tibre.* Verdade he, que a voz *filhos,* em sentido figurado, tambem significa *naturaes;* e que Camões, nos Lusiadas, cant. 8. est. 32, disse:

Ditosa Patria, que tal *filho* teve.

Que Barros disse igualmente: *Filho* da India: mas n'estes dous exemplos, os nomes *Patria,* e *India,* indicam todo o reino de Portugal, ou toda a regiam da India; e em tal caso, o adjectivo *natural,* compete-lhe excellentemente; pois bem dizemos: *Natural de França, natural de Allemanha,* etc.; mas *natural do Tejo,* he ridiculo. Filinto traduziu:

Vós, que *as praias trilhais* do Tejo aurifero.

E o Sñr. Verdier:

Do Tejo *en a plaga íncolàs:*

J'apporte mon pieux hommage
Au chantre heureux des Lusitains.

Estes dous versos nam foram traduzidos pelo Dr. Nolasco.

[2] *O vosso Vate se esconde,* etc.: *S'esconde* he cunha, para rimar com *onde.* O verbo *esconde* nam vem no texto.

[3] *Seu sepulchro me amostrai:* Feitas n'este verso as competentes synalephas, fica: Seu sepulchro *mamos*trai. Os que notam aquelle al*maminha* do 19 soneto de Camões, podem agora afiar sua critica contra este *mamo* do Dr. Nolasco.

[4] *O sacro lugar deixai*
Que eu visite; honrá-lo quero.
Unir-me a seu culto espero.

Estes tres versos seram boa traducçam dos seguintes?

Montrez-moi l'auguste retraite
Où repose ce grand poète,
Comblé d'honneurs et de bienfaits.

Digam-no os intelligentes.

[5] *Mas que vejo?* Este *mas* tem muita graça, e energia. He pena que nam steja no texto, nem d'elle usassem Filinto, e o Sñr. Verdier!!!

[6] *No abandono*, etc. *Abandono*, he o mesmo que *desamparo:* e *desamparo* exprime per ventura o *souffrance* do texto? Filinto disse:

Dais á penuria, dais ao *soffrimento.*

E o Sñr. Verdier:

Deixa em total penuria, e *soffrimento.*

Mas o Dr. Nolasco nam reflectiu, que so quem se liga ao justo valor das palavras, pode traduzir correctamente.

Barbares! Esta exclamaçam do original, parece-me algum tanto forte. Certo he que Camões, nam foi apreciado, nem remunerado co-

mo convinha per seus conterraneos; porém Milton, Tasso, e Homero, foram mais bem recompensados pelos seus? Entretanto nam me consta que scritor algum moderno chamasse a esses póvos—*Barbaros!*

7 Barbares! l'affreuse indigence,
Les noirs chagrins et la douleur,
Auraient épuisé sa constance,
S'il ne dominait le malheur.

Estes versos foram assi traduzidos:

Ah barbaros! fome, e dór
Lhe darião morte dura;
Se inda mais que desventura
Lhe não sobrasse valor.

Vamos per partes: a interjeiçam *ah* nam vem no texto: *fome*, e *dór* nam exprimem cabalmente o sentido de M. Raynouard, incluso nos dous primeiros versos. *Lhe darião morte dura*, nam stá no texto: e os dous ultimos versos do Dr. Nolasco, nam sam exacta copia dos que lhe correspondem no francez.

O Sñr. Verdier disse:

Barbaros! fome horrenda
Dôr crua e negras mágoas
Acaso sua constancia estancariam,
Si elle nom dominara a desventura.

Quanta differença de uma a outra versam!!!

8 *Mas da sorte no rigor:* Nam retrata o *Dans ce délaissement funeste*. Filinto screveu: *No amargo desamparo.*

9 ....*e que mais lhe presta:* A voz *presta*, foi posta para rimar com a do ultimo verso d'esta strophe: O Heroe que a nudez *molesta:* verso, que nam sei a qual se refere no texto.

10 *Que pedindo á noite esmola:* Este verso pouco desdiz da prosa.

11 *Sem cantar-te, o teu Senhor,*
Caro Antonio, cedo expira.

Sam traducçam d'estes:

Antonio! ton digne maître
T'aurait célébré dans ses chants.

A quanto obriga o consoante, julgue-o o Leitor naquelle *cedo espira;* nam fallando do *tar, te, teu,* que he harmonico.

12 Les miens (chants) t'assureront peut-être
Des souvenirs non moins touchans.

Sam original dos seguintes:

Mas teu nome a minha Lyra
Não deixará sem louvor.

O adverbio *peut-être*, que o Dr. Nolasco supprimiu, he precioso, pois qualifica a modestia do Autor.

13 Apprends, serviteur magnanime
Qu'un dévouement aussi sublime
D'âge en âge sera cité.

Foram assi traduzidos:

Sim, digno servo, o esplendor
De tua heroica amizade
Brilhará por toda a idade.

Mas esta versam, per sua fraqueza, fica mui inferior ao texto.

[14] *E o futuro, que eu modelo:* Nam entendo.

[15] *Esse zelo em fim sem par:* A que serve aqui este *em fim?* e com que motivo saltou o Dr. Nolasco o epitheto *pudico,* tão caracteristico? Filinto nam o omittiu; porque bem lhe avaliou a importancia.

[16] *Da noute na escuridade:* Melhor fora que o Dr., em vez da palavra *escuridade*, aqui sobeja, e ociosa, exprimisse aquelle *à demi-voix* tam essencial; e dissesse, com o Sñr. Verdier:

De noute, e em voz sumida.

[17] *O que os Reis devem pagar:* Verso prosaico. Filinto pôz:

........o que, alto dia
Cumpria aos Reis pagarem.

Quanto estes versos de M. Raynouard sam bellos!

[18] .... Bélisaire,
Etalant sa noble misère,
Ne croyait pas s'humilier,
Lorsque ce casque, où la victoire
Ceignit les palmes de la Gloire,
Etait réduit à mendier.

E quam enxabidos, e infieis estes que lhe correspondem!

Belisario mendigando
Vai sua miseria ostentando;
Nem tem pejo de pedir,
Ou no elmo triumphal d'ouvir
A parca esmola soando.

As duas vozes *nem*, *tem*, do terceiro verso, sam intoleraveis.

19 *De dia affouto mendiga*
E com severo pregão
A pia condemnação
Lisboa indolente obriga.

Eis o que o Dr. Nolasco julgou versam da seguinte passage:

Ose te montrer dans Lisbonne,
Mendie à la clarté du jour
Impose une pieuse aumône,
Et sur le peuple, et sur la cour.

Eu perguntára ás pessoas versadas em ambos os idiomas, se

A pia condemnação
Lisboa indolente obriga,

Verte exactamente,

Impose une pieuse aumône
Et sur le peuple, et sur la cour?

20 *Leva o poema, que diga*
Do mudo Vate afflições.

O texto he:

Qu'avec toi l'illustre poëme,
Plus hardi que l'auteur lui-même,
Implore ses concitoyens.

Ora bem se vê que o Dr. Nolasco em vez de exprimir tudo quanto lhe expõe o Autor, nos versos citados, abrevia-o, e tronca-o; sem attender, que he tam urgente ao traductor pintar o sentimento, que anima a frase original, como abranger-lhe o sentido.

21 Mas não. De Homero o rival
Da sua pobreza o herdeiro.

A repetiçam daquelle artigo *o*, torna viciosa a syntaxe d'estes versos. A dicçam do Sñr. Verdier, he mais pura, e castigada:

Nom; émulo de Homero,
De sua pobreza herdeiro.

Et de sa vie et de sa mort.

Este verso de M. Raynouard, nam mereceu ser traduzido pelo Dr. Nolasco.

22 *E revolta a sua gloria*
Folga mesmo em sua historia,
Quando na de ingratos pensa.

Quem entenderá esta emburilhada? Os versos textuaes, sam:

Fort de courage et d'espérance,
Il se résigne à la souffrance,
Sans orgueil comme sans effort.

Mas o Dr. Nolasco, de tal maneira torceu o sentido original, que o fez inintelligivel. Ajuize agora o Leitor se, quem deste modo traduz, stava em circunstancias de ser escolhido para ampliar o Diccionario do Capitão Manoel de Sousa, e de merecer os grandes encomios, que lhe prodigalizou o Editor, no prologo da mesma Obra, chamando-lhe: *Homem summamente versado, e instruido em ambas as linguas*, etc. Quam longe stamos ainda de possuir um bom Diccionario Francez-Portuguez!!!

23 *Lysia ingrata, assim dizia*
O Vate affrontando a dór
Nunca esperei de ti favor,
Quando eu de glorias te enchia.

O texto he:

Ecoutons, il parle, il s'écrie:
Portugais ingrats ou jaleux!
Lorsque j'illustrais ma patrie
Je n'ai rien espéré de vous.

Note-se que o Dr. Nolasco accrescentando aquelle escusado verso: *O Vate affrontando a dór*, salta o primeiro do original: *Ecoutons; il parle, il s'écrie;* ou julga exprimi-lo com o seu *assim dizia;* e fica mui satisfeito; sem reparar que o verso: *Quando eu de glorias te enchia,* nam verte á letra o *Lorsque j'illustrais ma patrie.* De mais, a frase *de glorias te enchia*, nam a acho praticada per nossos Classicos; ao menos assi o fico entendendo, em quanto me nam apontem exemplo, que me convença.

Sans la langue, en un mot, l'auteur le plus divin
Est toujours, quoi qu'il fasse, un méchant écrivain.
Sem a lingua, a final, Autor eximio,
Mau escritor será, por mais que faça.
(Boil. Art. Poet. cant. 1. v. 161.)

A estancia VIII. al nam he, que uma fria narraçam, onde se nam encontra o calor, e a energia das expressões originaes.

24 *Eis gigante bramidor:* Este famigerado episodio, que, per sua natureza, requeria versos magniloquos, imitativos, e nervosos, acha-se traduzido em versos languidos, froxos, e prosai-

cos. Nunca um estrangeiro, que lêsse unicamente a versam do Dr. Nolasco, podera, per ella, capacitar-se que a lingua portugueza fosse capaz de, com mór vantaje, que a franceza, exprimir tam excelsa pintura; como o bem testificam as duas outras versões. Certo he, que um idioma por mais vigoroso, rico, e harmonico que seja, perde todos estes dotes, nam sendo manejado per mam habil. O Leitor pode roborar esta proposiçam, conferindo o texto com a copia; porque ja me vai faltando a paciencia para specificar tantas incoherencias, e infidelidades, que se acham na versam do Dr. Nolasco, afóra alguns erros grammaticaes, que deixo; pois aliás nunca acabaria.

25 A strophe XI. tambem he debil, e inexacta copia de tam bello paradigma. Leiam-se estes versos:

Si jusqu'aux palmes immortelles,
Il tente des routes nouvelles
Son siécle voudra l'en punir;
Mais quand l'ignorance et l'envie
Persécutent sa noble vie,
Il se jette dans l'avenir.

Os quaes foram assi trasladados:

Se novos tropheos procura,
Bem que da sorte a esquivança
O persiga, elle não cança.
Mas se em sua vida clara
He preza da inveja ignara
No futuro então se lança.

Isto nam he traduzir, isto he deformar o Original!!!

26 *Mas elle mudo e contente.*

O' que fria, e infiel copia d'este verso de M. Raynouard!

Et lui, sans regret ni murmure.

Pode-se arguir ao Dr. Nolasco, de quasi nunca ajustar seu stilo, ao stilo do modelo; de nam ter dado á sua versam aquelle tom de dignidade, e nobreza que pede a Ode; e alfim de, (as mais das vezes) ensossar, ou inverter os pensamentos do Autor; pensamentos cheios de fogo, e de enthusiasmo!

27 O Dr. Nolasco parece que acinte quiz innodar o sentido original. Quem, a nam saber francez, podéra entender os seguintes versos?

O instinto quanto he melhor,
Que ao merito já provado
Futuro agoira exaltado!

Pois competem a estes bem claros de M. Raynouard:

Ecoutons l'instinct magnanime
Qui nous prédit la longue estime
Des temps et des lieux ignorés.

Aqui cahe a proposito aquelle dito de Boileau, na Art. Poet. cant. 1. v. 146.

Il est certains esprits dont les sombres pensées
Sont d'un nuage épais toujours embarrassées.
Certos Espritos ha, cujos conceitos,
Envoltos sempre stam em densa nuve.

28 ..... *ou da inveja o corte:* Bella expressam! na verdade retrata bem o *l'ignorance des mor-*

tels. Porque nam disse com Filinto: *Ou de homens a ignorancia?* Percebo: a palavra *corte* foi-lhe necessaria para rimar com *sorte* do verso antecedente. Ora eis como pela emperrada mania de traduzir seu Autor em versos rimados, o Dr. Nolasco lhe faz dizer o que lhe nunca veio a idéa. A quanto nam obrigas consoante!!!

De tudo o apontado, facilmente colherá o Leitor, que esta versam, longe de eclipsar a de Filinto (que o Dr. Nolasco reputava um nonada) lhe fica mui inferior. O verso rimado oitonario, pouco convem ao stilo magestoso, e térso, que deve reinar n'uma Ode, mórmente scrita em portuguez. Nossos bons Poetas, quasi sempre engeitaram estes versos de arte menor, como incongruos a tal poema: mas exemplo de tanto peso, nam foi valioso para o Dr. Nolasco. Filinto, e o Snr. Verdier, souberam achanar este obice, misturando o verso heroico, com outro de menos syllabas; visto ser quasi impossivel, traduzindo verso a verso, como fez o Dr. Nolasco, (sendo os francezes de 9 syllabas, e os portuguezes so de 8) nam omittir muitos termos significativos, e poeticos. Ora que resultou da escolha que fez o Dr. Nolasco de verso oitonario rimado, mais curto que o francez? resultou uma definhada traducçam, que mais parece cantiga de Trovador, ou decimas de outeiro, do que Ode; e Ode sobre assumpto tam glorioso para a Patria! resultou, digo, froxidam no metro; infidelidade em exprimir as idéas do Autor; mingoa, e repizo d'expressões; e finalmente, falta de gosto em semelhantes materias!!!

CAMÕES.

ODE. (1)

I.

Do Tejo en a plaga íncolas [1,2,3]
Guiai meo passo incerto:
Sagrada offrenda levo, reverente,
Dos Lusitanos ao cantor ditoso;
Mostrai-me o augusto abrigo [4]
Onde, opulento e de honras
Farto, stá vosso Vate....
Que vejo? vossa torpe indifferença
Deixa em total penuria e soffrimento
O portuguez Homéro!

II.

Barbaros! fome horrenda
Dôr crua e negras mágoas
Acaso sua constancia estancariam,
Si elle nom dominára a desventura.
Em tanto desamparo,
Résta-lhe um só amigo, [5]
Mas nom he Lusitano:
De um compassivo Jáo a mão, de noute,
O aziago pam mendiga, que ambos
Tragam no dia póstero.

(1) Versam do Snr. Verdier.

III.

Antonio! teo digno amo
Celebrar-te em seus versos
Nom poude; os meos te dam talvez a fama
De teo zelo sem par bem merecida.
Sabe, ó servo extremoso,
Que será tua virtude
D'évo em évo lembrada.
Vindoura edade, de meos cantos éco,
A's seguintes dirá: d'Antonio o zelo
A mendiguez nobrece. [6]

IV

Com affam tam pudico, [7]
De noute, e em voz sumida,
A publica piedade ancioso imploras,
Que a dívida dos Reis, com seitis, pague. [8]
Antonio, nom te escondas:
De sua nobre miseria
Ufano, Belisario
Sem pejo ouve em seo elmo, que a Victoria
De gloriosas palmas circundára,
Tinnir pedida esmola. [9]

V.

Vaga afouto em Lisboa,
A' luz do sol, mendiga;
Um piedoso tributo impõe, sevéro,
E sobre a ingrata corte, e sobre o povo.
Que em tuas mãos o poema,
Mais que seo vate, ousado
Argua os Portuguezes!
Estremecer verás seos férreos peitos,
Como as terribeis vozes tu profiras:
Uma esmola a Camões.

VI.

Nom; émulo de Homéro,
De sua pobreza o herdeiro,
Camões calado pena, e a desdita
Quer encarar inteira, destemido.
Piedoso soccorro
Grave insulto lhe fôra:
¿Na angustia vive, e morre?
Vinga-lo, ben o sabe, incumbe á Gloria:
Espera resignado, e soffre o fado
Sem pezar, sem suberba.

VII.

Que ouço? he Camões! Silencio... [10]
„Lusos ingratos, ínvidos!
„Quando á patria tamanha gloria e fama [11]
„Consagrei, eu de vós nada esperava.
„Soffro, mas certo digo,
„De vossa indifferença
„Horror terám vindouros.
„Soffro, sim com valor; he gloria minha
„Ultrajes arrostar; e, perdoando-os,
„Reluz minha virtude.

VIII.

„Como? nom tenho eu dado,
„De heroes meos nos successos,
„O mais consolador e digno emblema
„Do genio ás arduas obras sobranceiro?
„Para o suberbo Tejo
„Honrar, e enriquece-lo
„C'o os Indicos tributos;
„Valor, dizeis, bastava? nom;... sobrou-lhes
„Aturada a constancia que, per brio, [12]
„Co' a sorte lutta avessa.

IX.

» D'improviso, a seos olhos, [13]
» De Adamastor sanhudo
» A disforme e grandissima estatura
» Apparece, de rosto carregado:
» Das nuvens, com a dextra,
» Raios vibra, ... tormentas;
» Rasga, co' a sestra, as ondas
» Que as entranhas escondem do profundo,
» Onde ao marte naval, á audaz cubiça
» Cabe commum jazigo.

X.

» *Voltai*, brada raivoso,
» *Fugi, ó temerarios!*
» *Os terminos per mi sempre vedados* [14]
» *Cessai de quebrantar ... Aqui perigos*
» *Junto ... o menor he morte ...*
» Mas, de sanhas zumbando,
» Lusos dóbran o cabo,
» E a Gloria avistam ja, que ao Orbe os vota.
» Sem mora, abysmos, raios desprezando, [15]
» Roubam do mar o sceptro.

XI.

» Podeis vós neste quadro [16]
» Nõm louvar o homem forte,
» Cuja constancia a brónzea porta arromba
» Que o caminho lhe embarga á fama eterna?
» Si, por immortaes palmas
» Colher, novas veredas
» Trilha; embóra seo século
» Castigue d'um grand' genio a ousadía; [17]
» Que, de ignorancia víctima e de inveja,
» Prompto, ála-se ao futuro.

XII.

» Contra homens, contra fado
» Nom lhe ouvireis queixumes;
» Desprezado, esquecido, sua 'sperança
» Vãa nom he. ¡ Quantas vezes, despiedosa
» Jácta-se a vil inveja [18]
» D'um culpabil ensaio, [19]
» Com que pensa insulta-lo!
» Elle entom, sem pezar e sem doestos,
» Sua gloria futura lédo expiando,
» Immortal se vislumbra.

XIII.

» ¿ De que servem vãos cultos
» Do vulgo apaixonado
» Que, grato, honrosas státuas ja nos ergue, [20]
» E ja derriba-as louco? Ouvir nos cumpre
» O magnánimo instincto
» Que em évo e clima ignotos,
» Perenne estima abona:
» ¿ Tratam-nos com desdem, com injustiça?
» Cercados si vivemos de profanos, [21]
» Somos pois mais sagrados. »

Camões disse... Acatado,
O vencedor contemplo
Da adversa sorte, ao mundo exemplo dando
Do mais nobre penar. O' vós, Talentos,
Liçom tomai tam digna:
De homens pela ignorancia,
Ou pelo iniquo fado
Ultrajados, sustei tam nobre lutta:
Vivos, vexados sois? Mortos, sobre aras,
Culto haveis sumptuoso.

Notas.

¹* *Do Tejo en a plaga íncolas*, etc. *En a* (prep., e art.) Assi screviam nossos Classicos, quando queriam evitar o hiato *em a*, ou *em o*, etc. Os editores, ou impressores d'esses Classicos, julgando que a lingua portugueza nam admittia desinencias em *n;* e desejando, com tudo, conservar esta uniam euphonica, imprimiram *em na*, *em no*, etc. Tam palpavel absurdo, torna difficil, e até amphibologica, a leitura de nossos bons Autores, como bem o mostra este exemplo, em Camões, Lus. cant. 10. est. 38.:

Occultos os juizos de Deos são!
Ás gentes vãas, que *não nos* entenderam.

Onde em vez de *não nos*, devera star *non os:* porque *os* he aqui artigo relativo a *juizos;* e nam o pronome pessoal *nos*. Muitos erros d'esta natureza mancham as melhores edições de Camões, e d'outros Classicos; edições, a que remettemos os curiosos. Bemque nosso idioma nam tenha, por ora, uma orthographia razoavel, teve antigamente outra menos absurda.

²* O termo *plaga*, he juntamente latino, e portuguez, e tem iguaes accepções em ambas linguas. Foi usado per Autores de nome:

A quentes regiões, a *plagas* frias.
(Cam. Lus. cant. X. est. 147.)

Concederam a elles, e a seus successores per suas Bullas doação perpetua de tudo o que descobrissem per este mar Oceano, demarcando do Cabo Bojador, té a Oriental *plaga* da India inclusivè.
(Barros, Dec. 1. Liv. 1. cap. 7. pag. 59.)

[3] *Incolas*: Talvez este termo pareça muito alatinado a alguns hypercriticos; entretanto he de Camões, Lus. cant. 3. est. 21:

Esta foi Lusitania derivada
De Luso, ou Lysa, que de Baccho antigo
Filhos foram, parece, ou companheiros,
E nella então os *incolas* primeiros.

[4] Os seguintes versos do Snr. Verdier:

Mostrai-me o augusto abrigo
Onde, opulento e de honras
Farto, stá vosso Vate.....

nam me parecem tam harmonicos, como estes do original:

Montrez-moi l'auguste retraite
Où repose ce grand poëte,
Comblé d'honneurs et de bienfaits....

A dita falta de assonia, provem, a meu ver, da quebra do segundo verso, para o terceiro, no adjectivo *farto*; e daquelles *to*, *ta* da segunda, e terceira syllabas do mesmo verso, que algum tanto se tornam asperos ao ouvido, e difficeis á pronuncia. Os versos de Filinto parecem-me mais felizes:

Mostrai-me o augusto sitio, em que repousa
Quem troou facção inclita.

He de saber, que Filinto no verso: *Quem*

troou facção inclita, qualifica excellentemente o *grand poëte*: ao mesmo tempo que o Sñr. Verdier, omittindo o epitheto *grand*, que M. Raynouard dá a Camões, defrauda-o, (por assi dizer,) de sua melhor prerogativa.

5 *Resta-lhe um só amigo,*
* *Mas nom he Lusitano.*

Screvo *nom*, em vez de *não*; porque sempre me desagradou esta melodia canina *ão*, em que hoje, indistinctamente, acabam muitos nomes, e até verbos, da lingua portugueza. Nas melhores edições de nossos Classicos, isto he, nas que foram impressas á sua vista (e n'esse numero entra a Vida de S.t Francisco Xavier, per Joam de Lucena) raramente se encontra tal desinencia. O mesmo se pode dizer do Livro intitulado: *Perfeiçam da Vida Monastica, e da Vida Solitaria: dous Tratados de S. Lourenço Justiniano, traduzidos do Latim em Portuguez pela Serenissima Senhora Infanta D. Catharina, filha do Senhor Rei D. Duarte*, etc. do qual Livro, o P. Thomaz Joseph de Aquino, deu a publico uma segunda, mas fiel, e correcta ediçam. Um exemplo extrahido d'este mesmo Livro, comprovará o que acima disse:

Qual he aquelle que *nom* coma pam, e *nom* beba aguoa? Estas cousas *sam* geeraes aos ricos e pobres, *sãos*, e enfermos, nobres, e vilãos.
(Liv. 2. cap. 11. pag. 374.)

Outro exemplo:

Os fidalgos, e gente de capa, e espada, como *ouviram* fallar numa *tam* grande soma de dinheiro, de que no estado avia *nam* pouca falta, e muyta neces-

sidade, ouveram que os vinha Deos a ver com o alvitre da *pertençam* d'elRey de Pegú.
(Lucen. Vid. de S.t F. X. tom. 1. pag. 181.)

6 *A mendiguez nobrece*, isto he *ennobrece*. D'este verbo assi scrito, com uma syllaba de menos, usaram bons Autores nossos: citarei um d'elles:

. . . . . . o com que podias *nobrecer*
Tua Terra, e tua lingua lho roubaste,
Por ires outra lingua enriquecer.
(Ferreira, cart. 3. Liv. 1. pag. 13.)

7 *Com affam tam pudico*: O substantivo *afam*, nam me parece exprimir a voz *zele* do francez. *Afam* he definido per Moraes: „ *Trabalho demasiado, cançado, e mui penoso.* „ E o termo *zelo*, he, segundo o mesmo Moraes: „ *Empenho affectuoso em procurar o bem, commodo, honra de alguem*, etc. „ Eis o que praticava o Jáo Antonio acerca de Camões. Filinto serviu-se do vocabulo original, dizendo:

Pudico *zelo*, que com voz submissa, etc.

8 . . . . . *com scitis*: Nam stá no texto.

9 *Tinnir*, que he verbo mui classico, vale o mesmo que em latim, o verbo *tinnire*, *io*, *ii*, etc. Ora como Belizario era cego, a penas podia ouvir o tom do obolo, que lhe lançavam no capacete: eis a razam porque usei do verbo *tinnir*.

10 *Que ouço? he Camões! Silencio. . . .*

Acho mais conveniente, e natural este verso que o de M. Raynouard,

Ecoutons; il parle, il s'écrie.

[11] ...... *tamanha gloria e fama:* Esta allocuçam nam tem uma so frase, que nam seja de Camões.

[12] .... *per brio:* Ha differença entre as preposições *per*, e *por*. *Per* indica o agente, o meio; e *por* denota o objecto, o motivo, etc. como em francez *par*, e *pour*. Os modernos Scritores portuguezes confundem estas preposições; e, ignorando este principio logico, commettem anomalias absurdas. Quem entenderá estes versos?

De Leiria, que dantes foi tomada
Por quem *por* Mafamede enresta a lança.
(Cam. Lus. cant. 8. est. 19.)

Verso que assi se acha em quasi todas edições. Pobre Camões!!!

O nosso illustre Bispo Hieronymo Osorio, em uma de suas cartas, dá-nos um exemplo assás notorio da differença das sobreditas preposições, e n'uma so frase:

> E viu o Reino, que as pessoas *per* que se governava Elrei, eram da Companhia, da sua cevadeira, e feitos *per* ella, e *por* ella, e para ella ser tudo em tudo.
> (Pag. 44.)

[13] N'estas estancias 9.ª, e 10.ª o Sñr. Verdier, per sua aturada leitura dos Lusiadas, e, em acatamento á memoria de nosso Homero; pois o conheço um de seus maiores admiradores; poz special esmero, em que a dicçam fosse a mesma que empregou Camões n'essa excellentissima Prosopopea; e d'esta maneira conseguiu

dar aos Portuguezes duas bellas strophes. Semelhantes dadivas sam mui raras em nossa Literatura; porque já se nam acham scritores nacionaes assás ingenuos, e despidos de amor proprio, que praticando o que outrora praticou o insigne João Franco Barreto, em sua Eneida Portugueza, e agora pratíca o Sñr. Verdier, queiram restituir a Camões esses rasgos sublimes, que o consagráram á immortalidade.

[14] * . . . . . *per mi:* Estribando-me na authoridade de Camões, e d'outros Classicos, screvo *mi, ti, si,* (pron. pess.) Exemplos:

Se sempre em verso humilde celebrado
Foi de *mi* vosso rio alegremente.
(Cam. Lus. cant. 1. est. 4.)

Vem Sylvia ja ver, neste cristal puro,
Teu brando parecer daqui de cima,
Deste penedo, menos que *ti* duro.
(Diog. Bern. Lim. pag. 75.)

Anda homem tão differente daquell'outro *si*, que trouxe de Adão.
(Vieir. cart. 80. tom. 1.)

[15] *Sem mora: Mora*, por *demora*, he usual em nossos bons Autores:

. . . . co'a *mora*
De se despir, ha medo que inda tarde.
(Cam. Lus. cant. 9. est. 73.)
Ah! bem que vás depressa, a *mora* he breve.
(Elp. Dur. od. de Hor. tom. 1. pag. 113.)

[16] *¿ Podeis vós neste quadro*
Nom louvar o homem forte,
Cuja constancia a brónzea porta arromba
Que o caminho lhe embarga á fama eterna?

Bella traducçam dos seguintes:

Qui n'applaudit en cette image
L'homme dont l'intrépidité
Force le pénible passage
Qui mène à la postérité?

[17] * *Castigue d'um grand' genio a ousadía:* *Gran*, contracçam de *grande*. Assi como os Francezes dizem: *grand'mère*, *grand'croix*, etc. dizemos nós *gran'cruz*, etc. Tambem applicâmos a dita contracçam aos nomes proprios; *gran' Pacheco*, etc. Em bons manuscriptos portuguezes, acha-se *gran*, *gram*, ou *grand*. (V. Orthograph. da ling. port. de Duarte Nunes do Leam, art. dos diphtong.) Hoje, té nas melhores edições, vê-se este adverbio representado pela palavra *grão*, que corresponde a *granum*, em latim, ou a *grain*, em francez. Tambem se n'ellas encontra, *grão* Rainha, *grão* Pacheco, *grão* Moysés, etc. na ediçam das poesias de Pedro de Andrade Caminha, publicada pela Academia, em 1791, notam-se a paginas 28, e 29, os seguintes versos:

Mil vezes ouvirás que *não* he tanto
Gram nome, como *grão* merecimento
Nom Julios, *nom* Augustos, *nom* Trajanos.

E outras mais anomalias, e erros, que aqui nam menciono.

[18] .... *a vil inveja:* O adjectivo *vil*, dado a *inveja*, nam vem no texto.

[19] * *D'um culpabil ensaio:* Adoptei a desinencia em *bil*, e nam em *vel*, que he pouco so-

nora, e sem analogia para a formaçam dos superlativos em *bellissimo*, assás usuaes em nosso idioma. De *culpabil, terribil, horribil*, etc. vem mais naturalmente os superlativos *culpabilissimo, terribilissimo, horribilissimo*, que dos positivos *culpavel*, *terrivel*, etc. Camões, e outros Scritores de bom seculo, sempre formaram seus superlativos, segundo o methodo latino: De *aspero*, em latim *asper*, diziam, e screviam *asperrimo*; de *facil*, em latim *facilis*, diziam *facilimo*, etc. Como Camões sempre se serviu da desinencia em *bil*, e nam em *vel*, tambem a empreguei; tanto mais, que n'uma Ode, a elle dedicada, e specialmente em strophes onde se trata d' exprimir seus nobres sentimentos; julguei acertado, (accommodando-me a seu stilo), nam lhe conferir idiotismos que elle ignorou, e que sem dúvida proscrevera, se tornara á vida. Queiram pois os Sñrs. Literatos actuaes desculparme, se fiz fallar Camões como elle sohia fallar em seu tempo; e se nam accedi a opiniam, que têem adoptado acerca de uma anomalia, a que se mostram tam affectos, e da qual tanto desejam manter o uso.

[20] .... *honrosas státuas ja nos ergue:* Verso algum tanto dissonoro, em razam da consoante *s* star repetida no começo do substantivo *statuas*, e daquelles *ta, tu* do mesmo substantivo.

[21] *Cercado si vivemos de profanos*, etc.: seguimos este modo de screver a dita conjunçam condicional, nam so por ser mais etymologico, e recebido em outras linguas, que, como a nossa, derivam da latina; mas tambem porque

em manuscriptos, e livros antigos portuguezes, tenho encontrado esta condicional escrita *si*, e nam *se*.

A idade de ouro da lingua portugueza acabou, pouco depois de Camões, isto he, quasi no principio do 17 seculo: sonora, abundante, exempta de sons gutturaes, e aspirados da Hespanhola, foi-se carregando progressivamente de infindos hiatos, de desinencias de um som nazal ingrato, e antiprosodico; de inuteis repetições; de artigos; de uma monótona frieza; e de um emprego abusivo de epithetos vagos, ou insignificantes, maiormente em poesia: e, apesar dos esforços, que, em diversos tempos, alguns Literatos portuguezes instruidos, e de bom gosto, fizeram para restituir ao Luso idioma todo o antigo lustre, e correcçam classica, este idioma stá actualmente em sua idade ferrea.

FIM.

ERRATA.

Na pag. 3 linha 3 assurerent—lêa-se—assureront
Idem linha 4 meins—lêa-se—moins
Na pag. 35 linha 7 jaleux—lêa-se—jaloux